SÉRGIO DA SILVA PINTO

BOLSEIRO DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

BRAGA
NA HISTÓRIA

ELEMENTOS PARA O SEU ESTUDO

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

1959

DO AUTOR:

Individualidade Antropogeográfica de Portugal — Coimbra, *Biblos*, 1938.

Filósofos de Braga — Braga, 1942.

A Naturalidade de Francisco Sanches — Análise Crítica de um Novo Documento — *Minia*, Fasc. 2.º Braga — 1945.

A Naturalidade de Francisco Sanches — Livraria Cruz, Braga, 1946.

O Primeiro Tratado de Aliança Anglo-Português-Tratado de Tagilde de 10 de Julho de 1372 — Edições *Bracara Augusta*, Braga, 1948.

O Bispo de Braga Balcónio e a Primeira Conversão dos Suevos — Edições *Bracara Augusta*, Braga, 1949

Alfredo Pimenta — Estudo Crítico da Sua Vida e da Sua Obra — Braga, 1950 — (Prefácio a *Guerra Junqueiro*, de Alfredo Pimenta, Braga, 1950.

A Igreja de Braga no Reino dos Suevos — Tese apresentada no Congresso Internacional do XIV Centenário da Chegada de S. Martinho de Dume à Península, Braga, 1950.

Braga et Francisco Sanches — Toulouse, 1951.

Francisco Sanches, Estudante em Braga — *Revista Filosófica*, n.º 3, Coimbra, 1959.

Um Problema Nacional e Político: a Unidade de Portugal e as Relações entre a Metrópole e o Ultramar — Tese apresentada ao III Congresso da União Nacional, Braga, 1951.

Francisco Sanches Português — Comunicação apresentada em 11 de Novembro de 1951 na Sessão de encerramento do Congresso do IV Centenário de Francisco Sanches — Edições *Bracara Augusta*, Braga, 1952.

Francisco Sanches — Vida e Obra — Edições *Bracara Augusta*, Braga, 1952.

Tratado de Tagilde de 10 de Julho de 1372 — Subsídio para a História das Relações Jurídico-Políticas Anglo-Portuguesas, *Scientia Iuridica*, Braga, 1952.

No Aniversário Fúnebre do Dr. Manuel Monteiro — Discurso, Braga, 1953.

Guimarães, Berço da Aliança — Guimarães, *Gil Vicente* e *Revista de Guimarães*, 1953.

Requiário de Braga — Edições *Bracara Augusta*, Braga, 1954.

Em Louvor da Galiza — Edições *Quatro Ventos*, Braga, 1955.

Vasco Domingues — O primeiro negociador da Aliança anglo-portuguesa — *Publicações da Associação Luso-Britânica do Minho*, Braga, 1956.

Braga e a Galiza — Edições *Bracara Augusta*, 1956.

A Necrópole de S. Vítor - Braga (Séc. IX e X) — I — Estudo arqueológico — Edições *Bracara Augusta*, Braga, 1957.

O Carácter Complexo da Eleição de 1385. De Como D. João I não foi nas Cortes de Coimbra estritamente eleito — *Studium Generale*, Porto, 1958.

Individualismo e Colectivismo na Génese da Nacionalidade Portuguesa — Edições *Bracara Augusta* e *Independência*, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal — Braga, 1958.

SÉRGIO DA SILVA PINTO

BOLSEIRO DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

BRAGA NA HISTÓRIA

ELEMENTOS PARA O SEU ESTUDO

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

1959

SEPARATA DO «GUIA DE BRAGA»
EDITADO PELA CÂMARA MUNICIPAL

1—Períodos ante-romanos

Paleolítico

O chão de Braga, na área suburbana, denuncia a pègada do homem numa antiguidade remotíssima (tempos primitivos da vida humana). *Desde o* Acheulense *(no Paleolítico antigo).*

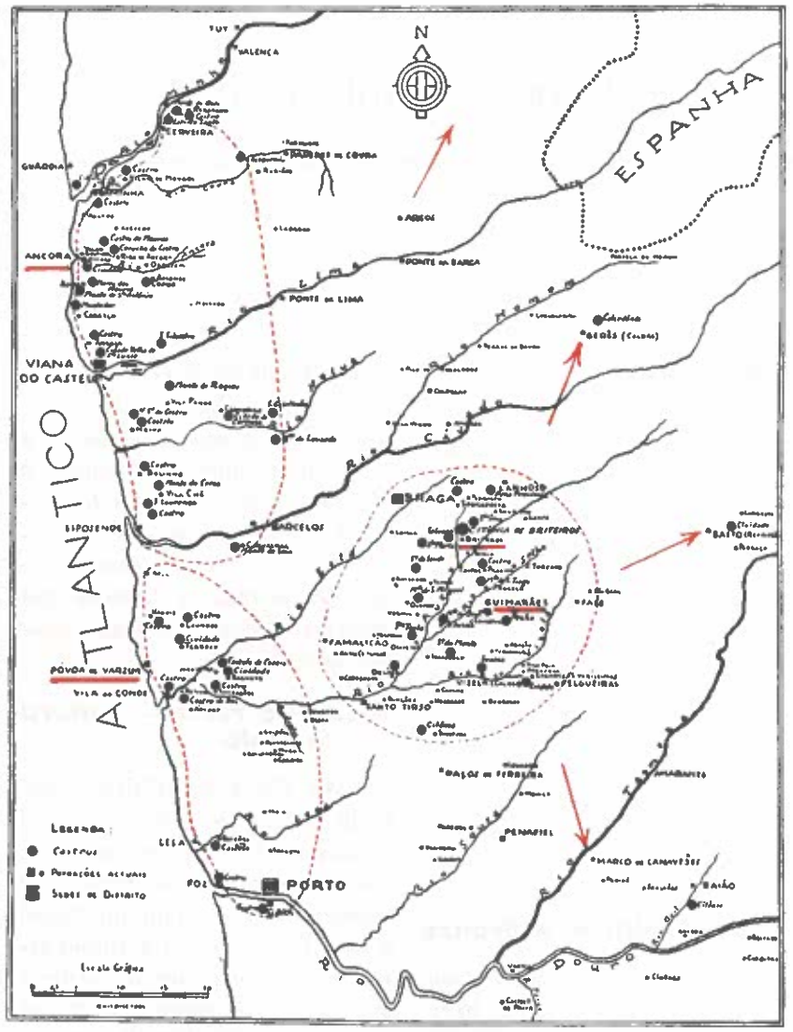
Clãs consanguíneos de pré ou proto-agrícolas, dedicados à caça e colheita de frutos silvestres, viveram nos arredores da cidade, há uns 300.000 anos atrás. Deixaram como sinal da sua passagem grandes bifaces ovóides de gumes cortantes, característicos do período.

Neo-eneolítico e Bronze

Todo o Baixo-Minho, sem excluir a região bracarense, apresenta inúmeros vestígios das culturas já sedentárias, que precedem a Idade do Ferro. A saber: dos períodos Neo-eneolítico *(pedra polida e raiar do metal) e do* Bronze, *quando Portugal e Galiza constituíam o país dos dólmens ou antas (as célebres sepulturas colectivas formadas de grandes pedras) e também dos objectos áureos (torques, lúnulas, braceletes).*

Idade do Ferro — Cultura castreja

Na época da Cultura castreja portuguesa, *ou seja, dos castros lusitanos — povoações ou redutos murados no cimo dos montes — já na* Idade do Ferro, *o sítio em que assenta Braga seria, sem dúvida, um dos centros ou focos principais da extensa área étnica dos* Populi bracari, *entre os rios Minho e Douro.*



Localização das citânias e castros de Entre-Douro-e-Minho.

2—Domínio Romano

O Cônsul Décio Junio Bruto

No ano 138, o Cônsul Décio Junio Bruto submeteu Cale, a povoação antepassada do Porto. É apelidado de Calaico. Domina todo o Território Bracarense *até ao Lima.*

Braga e César Augusto

No tempo de Augusto, o acampamento legionário de Braga, junto ao ópido indígena ou incorporando-o, é elevado à categoria de sede de Convento jurídico romano, *com jurisdição em 24* civitates. *Recebe o título de* Bracara Augusta.

Urbe romana

O topónimo Cividade, *enraízado numa das freguesias citadinas (zona de Santiago e das Carvalheiras), localiza a primeira fortificação romana.*

A Urbe *descia do alto do castelo até aos muros da Regeneração, na encosta que leva ao rio Este. No sentido Norte iria até ao local da actual Sé.*

Na colina onde se localiza Braga havia três cidades ou castros: a do Monte-Crasto, a da Cividade e a da Consolação.

Na área da Bracara Augusta *fica uma velha fonte pré-romana*

Marcos miliários, no Museu D. Diogo de Sousa

— *a* Fonte do Ídolo — *no sítio dos Granginhos, onde uma divindade local, Navia ou Tongenabiago, é representada em escultura rupestre, com legendas romanas. É exemplar talvez único na Península.*

Cinco vias militares mencionadas no Itinerário de Antonino *irradiavam das muralhas da Cidade. Marcos miliários, ao longo dessas vias, referiam a Braga as distâncias, como se usava em Roma.*

A Cristianização

Válida (segundo pensamos) ou não a tradição do apostolado de Santiago por terras da Galiza, no átrio do Cristianismo — tradição assegurada por monumentos certos desde o séc. VII, incluindo Santo Isidoro *— Braga constitui sem dúvida, um dos núcleos iniciais da evangelização nas Hispânias.*

Um documento do séc. VI, de pleno valor histórico, a Divisio Theodomiri *ou* Parochiale Suevicum, *ao revelar a organização eclesiástica da Galécia, no tempo dos Suevos (os Sínodos, as Dioceses e as Paróquias), mostra que a Cristianização foi muito mais rápida e intensa em Braga, capital da província. Segundo a lúcida observação de* Jesus Ferro Couselo, *deve concluir-se que «começou por ali (Braga) a pregação apostólica».*

De Braga terão saído os primeiros evangelizadores-itinerantes. Não só para as regiões internas da Galiza, mas também para a Lusitânia, além Douro.

Por isso se declara a Primazia da Cátedra episcopal de Braga.

Outros títulos de Primazia, e estes absolutamente incontroversos, apresenta a Igreja de Braga: nos sécs. V-VI é a Primaz do Reino luso-galaico dos Suevos — autêntica Roma das Espanhas; no Reino da Reconquista (sécs. VIII-XI), até D. Afonso VI é a única metrópole dos Cristãos independentes, embora com os titulares residindo em Lugo; e ainda é a primeira das antigas sedes metropolitanas a ser restaurada (1072), antes de Toledo.

Capital da Galécia

Bracara Augusta *transforma-se, no tempo do Imperador Caracala, em capital da nova província da Galécia — do Douro ao Cantábrico —, dividida em três conventos jurídicos: o de Braga, o de Lugo e o de Astorga.*

O Sumo Sacerdote da Galécia

O Papa Sirício, *na sua Decretal do ano 384 a Eumerio, Bispo de Tarragona, chama aos bispos das igrejas metropolitanas da Hispânia* Sumos Sacerdotes, *dentro das suas províncias.*

Bem poderia ser já Bispo de Braga Paterno, de que há notícia no ano 400. De qualquer forma Paterno foi Sumo Sacerdote ou Metropolita da Província Galaico-bracarense.

3 — Dominação Sueva

Invasão dos Bárbaros

Em 409, uma torrente impetuosa de Povos do Norte — Alanos, Vândalos e Suevos — força os Pirinéus. Derrama-se nas Hispânias.

Ao fim de dois anos de assolações, repartem entre si as Províncias. Os Vândalos Asdingos e os Suevos ocupam a Galécia, a norte do Douro. Os Alanos, a Lusitânia dos Romanos, a sul deste rio, e ainda a Cartaginense. Os Vândalos Silingos, a Bética, actual Andaluzia. Os Romanos dominam só a Tarraconense.

Os Visigodos vêm, também, à Península. Em nome do Império combatem os outros Bárbaros. Destroçam os Silingos e os Alanos. Por seu lado os Asdingos abandonam a Galécia, passam à Bética e daí, com os Silingos, saem para o Norte de África.

Ficam os Suevos sós em campo. Fazem de Braga a sua Corte. O primeiro rei do Estado Suévico-bracarense foi Hermerico. Absorve-se, durante cerca de 30 anos, em guerras e negociações políticas, para a posse de todo o Ocidente. O segundo monarca foi Réquila.

O Reino Suévico - Bracarense

A Primeira Conversão dos Suevos

Na prelazia de Balcónio (ou Palcónio), Metropolita ou Primaz de toda a Galécia, herói no meio dos estragos dos pagãos e da anarquia dos herejes, — os Suevos, com o príncipe Requiá-

Siliqua sueva cunhada em Braga, tipo IVSSV RICHIARI REGES

rio, filho do Rei Réquila, à frente, fazem-se católicos.

Dentro dos muros romanos da Bracara Augusta assiste-se à entrada, no seio da Igreja, do primeiro Reino bárbaro da Europa convertido (circa ano 448).

Pergaminho de primogenitura que não pertence à França com Clóvis e S. Remígio, mas sim a Portugal e a Braga com Requiário e Balcónio.

Conquista de Braga pelo rei Visigodo Teodorico

A batalha entre Suevos e Godos — luta entre Católicos e Arianos — travou-se a 12 milhas de Astorga, junto ao rio Orbio. O rei Requiário, derrotado e ferido, fugiu para os seus estados. Em perseguição, os vencedores penetram em Braga. Foi um dia pavoroso, a ponto de lembrar a destruição de Jerusalém (cf. Crónica de Idácio).

Vencido de novo pelos soldados de Teodomiro, no castelo de Portucale, Requiário é levado a Braga, ao Rei godo que na sua própria capital lhe tira a vida.

Braga sob a heresia ariana

Restaurado o Reino dos Suevos, com Remismundo, sob a influência dum godo chamado Ajax, o Estado aceitará o Arianismo. Por cem anos (458-550) permanecerá Braga sob a heresia ariana.

Período obscuro, lacuna na história do Reino Suevo de Braga. Haveria então dois bispos: um católico e um ariano.

O Rei Carriarico e os Bispos Profuturo e Lucrécio

Por Gregório de Tours, *o único cronista que revela a conversão de Carriarico, infere-se que o Bispo católico de Braga lhe pregava as palavras da fé e o induzia a enviar emissários às Gálias, à sepultura de S. Martinho Turonense, em busca de relíquias para que elas sarassem o Príncipe seu filho, gravemente enfermo. Quando as relíquias vieram e o Príncipe se curou, o Rei e a Corte converteram-se e crismaram-se (ano de 550). Ignoramos se o bispo de Braga era ainda Profuturo (sagrado em 537-8) ou já Lucrécio. Aquele orientou, pelo menos, Carriarico para a conversão. No tempo deste se operou, já com o apostolado de S. Martinho Dumiense (ou de Braga), a catolicização definitiva dos Suevos.*

S. Martinho de Braga, o grande Apóstolo dos Suevos

O retorno à fé católica de todo o Povo Suevo é obra ingente de S. Martinho, já Abade e Bispo de Dume, no pontificado de Lucrécio.

De Braga e de Dume, e talvez de Orense, irradiou por todo o Ocidente peninsular a evangelização do novo Apóstolo.

A partir da prelazia de S. Martinho de Dume, Braga é a primeira Sé primaz da Península, em sentido super-metropolitano, quer dizer, com honras e autoridade sobre duas circunscrições eclesiásticas, cada qual com suas mitras sufragâneas: os Sínodos ou Metrópoles Bracarense e Lucense (cf. nossa comunicação ao Colóquio de Estudos Suévico-Bizantinos de 1957: «A Igreja de Braga na dominação sueva»).

A Liturgia Suévico-bracarense

Profuturo, Lucrécio e ainda S. Martinho, já prelado de Braga (569-579), criaram o chamado rito suévico *ou rito* bracarense.

O actual rito da Arquidiocese bracarense, glória portuguesa no dizer do Papa Bento XV, seja ou não a substancial continuação daquele, representa a persistência da tendência individuante da Igreja de Braga, no campo da Liturgia. É um rito romano, com particularidades locais e influências do tipo galicano. Constitui uma afirmação eloquente do dogma da Trindade, a qual pode significar o antigo protesto da Cristandade de Braga contra a heresia ariana e o Priscilianismo.

Placa tumular bizantina de S. Martinho de Dume

O rei Miro e a Cruzada a Sevilha

É no tempo do Metropolita de Braga Pantardo e decerto com as bênçãos dele, que o Rei Miro, à frente dos Suevo-Galaicos, marcha em auxílio dos Católicos da Andaluzia, atacados pelo empedernido ariano Leovigildo, Rei dos Godos, pré-anunciando o espírito das Cruzadas que informará as empresas ecuménicas dos Portugueses (ano 583).

Sarcófago Bisantino de S. Martinho de Dume

Braga sueva, larário da Cultura

De Braga saiu Paulo Orósio, seu presbítero, o primeiro filósofo da história, que dá sentido dramático, humano, à historicidade, colocado como inicial momento na linha de Bossuet e Hegel. É o primeiro historiador de orientação cristã, autor de uma História contra os Pagãos. *Colaborador de Santo Agostinho foi, ao que parece, co-redactor de alguns capítulos da* Cidade de Deus.

Ainda de Braga partiram os dois Avitos, célebres heterodoxos da escola platónica.

Outro Avito de Braga serviu de intérprete a Paulo Orósio, na Palestina, em polémicas teológicas, e traduziu do grego para latim o relato de Luciano sobre a descoberta das relíquias de Santo Estêvão.

De Braga se estendeu o humanismo martiniano, como sol duma primeira Renascença europeia. A Biblioteca do Mosteiro de Dume seria, então, a primeira da Península.

4 — Dominação Goda

Conquista de Leovigildo

Com a conquista de Leovigildo (585), perde Braga ou a Galécia a sua independência. O Reino Suevo, anexado ao Reino espanhol-toledano dos Visigodos, conserva todavia certa autonomia; é quase um estado federado, governado por Duques e algumas vezes, Reis, os quais tinham a sua residência ora em Braga ora em Tui.

S. Frutuoso, fundador de mosteiros

No período da dominação goda, desde 656 é Bispo de Braga (e antes já o era de Dume), S. Frutuoso, de quem S. Bráulio, eloquente orador, elogiando-lhe a santidade e as suas instituições monásticas, classificou de «sagrada honra da Hispânia».

Fundou, de facto, inumeráveis mosteiros em Portugal e na Galiza.

Na freguesia de S. Jerónimo de Real, no lugar de Montélios, incorporada na Igreja de S. Francisco perdura ainda a Capela de S. Frutuoso, onde, por sua vontade, foi sepultado. Exemplar ímpar do estilo bizantino quadrado, acusa a reconstrução da época moçárabe.

5 — A Reconquista

O abandono de Braga — Afonso I, o Católico

Com as correrias agarenas, a população de Braga e da sua região dispersa-se, refugia-se nos montes e nos matagais; mas volta aos lares nos intervalos da tormenta. Segundo rezam as antigas Crónicas, D. Afonso I, o Católico, 3.º monarca galaico-asturiano (genro de Pelaio e sucessor do filho deste, Fávila), vindo com seus exércitos até o Douro, não tendo possibilidade de ocupar as cidades, destruiu-as, passou a fio de espada os Mouros e levou consigo os Cristãos.

Braga, com as muralhas desmanteladas, indefesa, teria sido pràticamente abandonada.

A organização eclesiástica

É hoje ponto assente que nem as gazivas árabes, nem a migração dos Cristãos, despovoaram em absoluto as terras minhotas. Subsistiu a organização da Igreja.

A metrópole eclesiástica de

Sé de Braga — Absidíola junto à Capela de S. Geraldo — (séculos X-XI)

Braga não foi suprimida, nem transferida. Os seus bispos titulares passaram a residir em Lugo: eram metropolitas bracarenses, e, simultâneamente, prelados de Lugo (lição de Pierre David).

A primeira presúria

A primeira presúria ou ocupação de Braga deve-se ao seu Bispo Odoário, vindo de Lugo (depois de 760). Mas novas incursões dos Árabes arrazam a cidade. Não permitiram a sua restauração.

Vimara Peres e Rudezindo restauradores de Braga

Um século decorre sem notícias de Braga. Entretanto Compostela converte-se em fulcro religioso: será uma diocese isenta da obediência a Braga e sua rival.

Com Afonso III, o Grande (866-910) inicia-se o repovoamento das terras a sul do Minho. Por seu mandado, Vimara Peres, em 868, ocupa e restaura a cidade de Portugale, que se torna centro irradiativo de presúrias (lição de Torquato de Sousa Soares). *Ora este Vimara Peres — que, segundo parece, fundara uma vila no lugar de Vama, perto de Braga, que depois se chamou Guimarães (topónimo derivado do seu nome)—é quem, ainda por ordem de Afonso III, cerca de 870, procede, de colaboração com o Bispo Fredozindo e outros, às delimitações do termo ou distrito de Braga, com o fim de o restaurar (Dipl. n.º 16 do* Liber fidei).

Pouco depois (antes de 877), o Bispo Rudezindo de Mondonhedo e Dume leva a cabo a restauração da cidade.

Braga de novo em ruinas

Antes do fim do século, as tropas muçulmanas, capitaneadas pelo terrível Almançor, atravessam o Douro, a caminho de Compostela cujos muros, castelo e igreja destroem.

Suas devastações a norte do Douro foram imensas. Os Normandos, por sua vez, fazem incursões.

Com tudo isto, Braga não foi poupada. Vegeta em ruínas, quase despovoada. No entanto, os Cristãos enterram os seus mortos às portas da cidade, em S. Vítor (Ver o nosso estudo A Necrópole de S. Vítor (Séc. IX-X)).

Braga na posse definitiva dos Cristãos—Restauração da Sede episcopal

Só no séc. XI, na época de Fernando Magno, a antiga capital da Galiza entrará na posse constante dos Cristãos. Será restaurada pelo primeiro Bispo restituído a Braga, D. Pedro, homem de rara energia (1070-1093), já no reinado de D. Sancho, primogénito de D. Fernando. Deve-se-lhe a sagração da actual Sé.

Segundo parece, a nova Catedral ficava no sítio dum remoto templo em honra da deusa Isis, a que faz referência uma lápide romana engastada na parte exterior da capela catedralícia de S. Geraldo.

A Primeira Escola Catedral em território portucalense

Foi D. Pedro quem fundou a primeira Escola-Catedral de que há memória no nosso País. Isto se vê do Doc. n.º 627 do Liber Fidei (*aviso de* A. Jesus da Costa).

6 — O Condado Henriquino

O Conde D. Henrique, Senhor de Braga

Os primeiros soberanos de Portugal, o Conde D. Henrique de Borgonha e a Infanta ou Rainha D. Teresa, filha de D. Afonso VI de Leão e Castela, tiveram paços em Braga — e foram Senhores de Braga — de 1096 a 1110-12, altura em que doaram a cidade aos Arcebispos, instituindo um feudo eclesiástico que durou até ao séc. XVIII.

O âmbito da Cidade — A cerca henriquina

O sítio da catedral marca o centro do núcleo urbano. Atribui-se ao Conde D. Henrique a construção de uma cintura de muralhas, modesta cerca medieval, mais tarde, no tempo de D. Diniz e D. Fernando, reforçada. O Castelo foi também levantado.

S. Geraldo restaurador dos direitos metropolitanos

Eleito para a mitra de Braga S. Geraldo de Moissac, monge de Cluny — mercê das suas diligências e do auxílio do Conde D. Henrique, ambos idos a Roma — obtem o pálio de bispo metropolita, concedido por Pascoal II (1103). Alcança ainda o título de Arcebispo.

Restauraram-se os direitos metropolitanos de Braga sobre todas as dioceses ocidentais, a norte e a sul do Douro: Astorga, Lugo, Tui, Mondonhedo, Orense, Porto, Coimbra, Viseu, Lamego. Sòmente Iria-Compostela ficava isenta.

Cabouqueiros de independência política — A criação de um Estado Ocidental

O poder temporal e o poder espiritual de Braga, o conde

D. Henrique e S. Geraldo — com a formação da Igreja portuguesa, *isto é, a Metrópole bracarense estendida a norte e a sul do Douro, contra o esquema provincial romano (Galiza e Lusitânia cindidas por esse rio), — prepararam a nossa independência política.*

Sonharam ainda a criação de um Estado Ocidental, que reunisse a Portugal a Galiza de hoje.

D. Maurício, o primeiro Senhor eclesiástico de Braga

Em 1109 é já Arcebispo de Braga D. Maurício Burdino. Sustentou lutas com Santiago de Compostela e Toledo na defesa dos direitos da sua mitra metropolita e imediata da Santa Sé.

Com D. Maurício inicia-se o Senhorio eclesiástico de Braga, autêntica jurisdição feudal dos Arcebispos (carta de Couto de 1112). Ainda hoje os prelados bracarenses se intitulam Senhores de Braga.

A morte do Conde D. Henrique — Sua sepultura em Braga

Talvez em 1114 morre em Astorga o Conde D. Henrique. Por sua vontade foi o corpo dele trasladado para Braga, onde jaz na Catedral, na Capela dos Reis.

Um Arcebispo de Braga Anti-papa

Na sua terceira viagem a Roma por causa dos litígios com Toledo e Compostela, D. Maurício, já no governo de D. Teresa, aceita do pontífice Pascoal II a legacia junto do Imperador Henrique V da Alemanha. Ao chegar o Imperador a Roma, com D. Maurício, o Papa fugiu. Coube ao Arcebispo de Braga coroar Henrique V na qualidade de Legado Pontifício. Depois o Imperador, no tempo de Gelasio II (que sucedera no exílio a Pascoal II) dá a D. Maurício a tiara de Antipapa, com o nome de Gregório VIII. A Igreja de Braga não o reconhece.

D. Afonso Henriques e a Conjura da Independência

O Infante D. Afonso Henriques — nascido em 1106 (?), quando seus pais tinham paços em Braga e eram Senhores de Braga—possuía ainda casa nesta cidade, junto à Sé. Talvez os antigos paços do Conde D. Henrique.

O Arcebispo D. Paio Mendes (sucessor de D. Maurício), prepara, em Braga, com D. Afonso Henriques, a revolta contra o governo de D. Teresa. Será o glorioso chefe da conjura que alçou o moço Infante ao governo pleno do Condado. Guarda-se no Arquivo de Braga o notável documento, firmado na cidade primacial, em que D. Afonso Henriques declara o propósito de conquistar o poder, com o auxílio do Arcebispo. Foi o «prelúdio da acção militar decisiva», como chama Alexandre Herculano a este acto de chancelaria.

Confirmação e ampliação do Couto de Braga

No célebre documento—Dipl. de 27 de Maio de 1128—D. Paio Mendes, recebe, em recompensa do seu auxílio a D. Afonso Henriques, a confirmação e ampliação do Couto de Braga, e privilégios feudais, como o de cunhar moeda.

7 — De D. Afonso I a D. Fernando

A independência jurídica de Portugal — D. João Peculiar

Após a batalha de S. Mamede, em que D. Paio Mendes, Senhor de Braga, pelejou ao lado de D. Afonso Henriques, contra D. Teresa e sobretudo o Conde de Trava, sobressai, na luta pela emancipação política de Portugal outro antístite bracarense, D. João Peculiar, sem dúvida o vulto maior da fundação do Estado a seguir ao Infante. É ele o realizador da nossa independência jurídica. Negociador do Armistício de Valdevez, da Conferência de Samora e da Enfeudação espiritual à Santa Sé, a qual nos libertou, dado o Direito internacional do tempo, de qualquer dominação política de Castela.

Pedro Hispano, Arcediago da Sé de Braga, o maior Lógico e Psicólogo do séc. XIII e Sumo Pontífice

Já no reinado de D. Afonso III, destaca-se na história da Cultura europeia um arcediago da Sé de Braga, natural de Lisboa, Pedro Julião ou Pedro Hispano Portugalense. Por três séculos dominou na filosofia e na ciência como modelo da Escolástica. É o autor das célebres Súmulas Logicais *e do* Tratado da Alma.

O capítulo bracarense elegeu-o para a Mitra primacial (1273), antecipando-se ao Sacro Colégio que o escolhe para sucessor de S. Pedro (1276).

No sólio romano Petrus Julianus electus bracarensis, *terá o nome de João XXI.*

O Castelo e as Muralhas dionisianas

No reinado de D. Dinis, que semeou Portugal de fortificações, iniciou-se em Braga, à custa da fazenda régia, uma ampla reforma do sistema defensivo.

Murou-se novamente a Cidade e construiu-se a Cidadela com a torre de menagem que ainda ostenta as armas dionisia-

nas. Só no reinado de D. Fernando se concluíram as obras.

Lutas de jurisdição secular entre D. Gonçalo Pereira e D. Afonso IV

Já no séc. XIV, ao tempo de D. Afonso IV, é Senhor de Braga D. Gonçalo Pereira, avô de Nun'Álvares e tronco da dinastia de Bragança, pois, antes de ser presbítero, houvera Álvaro Gonçalves, pai do Condestável.

O monarca invade a jurisdição temporal do Arcebispo, nomeando tabeliães da Coroa para Braga (1327). Porém o enérgico Prelado ordena a resistência e excomunga os funcionários régios e os seus cúmplices.

Mais tarde (1341) entraram, em Braga, de novo, as autoridades régias e de novo o Arcebispo solenemente as excomunga. O Corregedor Afonso Domingues

Torre de Menagem da Cidadela de Braga

toma o Castelo e os Paços municipais.

Os vereadores por seu turno deliberaram fazer novo selo com os sinais de El-rei. Entretanto D. Afonso IV compõe-se com o Arcebispo e ordena ao Corregedor a restituição da Cidade. D. Gonçalo Pereira expede um anátema contra os edis.

Os Paços medievais e a Capela de Nossa Senhora da Glória

Perdura ainda o acastelado Paço dos Arcebispos, moradia feudal construída por D. Gonçalo Pereira. Deste, é ainda a célebre Capela torreada de Nossa Senhora da Glória, onde se admira o seu túmulo com estátua jacente, obra notável de escultura medieval.

O título de Primaz

O primeiro Arcebispo que, por documentação certa, se denomina Primaz, é D. João de Cardaillac (1361-1371). Todos os sucessores, ininterruptamente se intitularam Primazes das Hespanhas.

A Conquista de Braga por D. Henrique II de Castela

Em 1369 apenas existia um castelo com a torre de menagem inacabada e um muro baixo. Nessa altura D. Fernando declara guerra a D. Henrique II de Castela. O Trastamara invade Portugal e chega a Braga. Fernão Lopes (na Crónica de D. Fernando, cap. 33) escreve: «o lugar era grande e mal cercado,... era bem azado para se tomar». Minguada gente o defendia. O meirinho-mor da província, Lopo Gomes de Lira, «lançou-se dentro, antes que el-rei de Castela chegasse, com uns dez de cavalo e trinta peões. D. Henrique começou de a combater e pero o muro fosse baixo e os de dentro mui mal armados não a poderia el-rei tomar». Em carta de 18 de Agosto, escrita em Braga, para sua mulher, diz D. Henrique: «llegamos aqui... donde agora estamos... que es un logar el mejor que hay entre Douro e Miño. E nos combatimosla unos quatro dias...». Braga capitula por preitesia ou pacto. D. Fernando «depois soube quanto eles (os de Braga) fizeram por se defender... e prouve-os por bons e por leais».

A muralha fernandina

As providências militares de D. Fernando, em Braga—o muro

alto, as cinco torres de guerra, a reforma do castelo — devem ter sido iniciadas só depois da paz de Santarém (1373).

A cintura fernandina tinha oito portas descritas no Tombo da Cidade *existente no Arquivo Municipal (livro I): Porta do Souto, Porta de S. João, Porta do Colégio ou de Santiago, Porta ou Postigo de S. Sebastião, Porta da Senhora da Ajuda, outrora de Maximinos, Porta Nova, Porta de S. Francisco ou Porta Limpa ou Porta do Campo do Arcebispo, e Postigo de Santo António, entre a Praça do Município e o Campo da Vinha.*

As muralhas ainda hoje são perfeitamente balizáveis e delas existem alguns lanços e torres. Principiavam na Porta Nova e desenvolviam-se pelas seguintes artérias: Rua dos Biscainhos, Campo da Vinha, Rua dos Capelistas, Largo da Lapa, Rua de S. Marcos, Rua do Anjo, Campo de Santiago, Rua do Alcaide, Campo de S. Sebastião, Carvalheiras, Largo de S. Miguel-o-Anjo até ao ponto de partida.

D. Vasco Domingues, Chantre de Braga. Sua acção diplomática

D. Vasco Domingues, homem poderoso, é uma espécie de condottiere. *Faz sair de Braga e do Reino dois arcebispos, que não mais voltaram: D. Guilherme e D. João de Cardaillac; e obrigou outro a retirar temporàriamente para Roma: D. Lourenço Vicente.*

Onde se notabilizou Vasco Domingues foi na política internacional portuguesa.

Depois do Tratado de Tàgilde entre D. Fernando e os embaixadores do Duque de Lencastre (1372), é Vasco Domingues com o Conde Andeiro enviado a Londres para ratificar aquele pacto e fazer aliança com Eduardo III de Inglaterra e com o Príncipe de Gales. Da embaixada resulta o Tratado dos Paços de Sabóia — que foi a ratificação do de Tàgilde — e o Tratado da Catedral de Londres (1373), ou seja o primeiro firmado entre a Coroa portuguesa e a Coroa inglesa.

8 — De D. João I a D. João III

Cortes de 1387

As primeiras Cortes que D. João I, proclamado rei, reuniu, tiveram assento em Braga. Votaram-se contribuições de guerra.

Morte, em Braga, do herdeiro da Coroa

Em 22 de Dezembro de 1400, segundo o epitáfio publicado por Tadim *nas suas* Memórias, *faleceu em Braga o Infante D. Afonso, filho primogénito de D. João I, quando nesta cidade se encontrava de passagem para Santiago de Compostela.*

Jaz na Catedral Primacial em riquíssimo túmulo de cobre doirado, com estátua jacente, mandado de Flandres por sua irmã a Infanta D. Isabel, Duquesa de Borgonha, casada com Filipe o Bom, e mãe de Carlos, o Temerário.

A capela gótica de D. Lourenço Vicente

D. Lourenço mandou edificar, junto às paredes da Catedral, uma capela gótica em honra de Santa Maria e dos mártires S. Lourenço e S. Vicente, patronos especiais do Arcebispo. Aqui, encontram-se hoje os túmulos dos primeiros soberanos de Portugal: o conde D. Henrique e a rainha D. Teresa.

A Questão do Senhorio de Braga

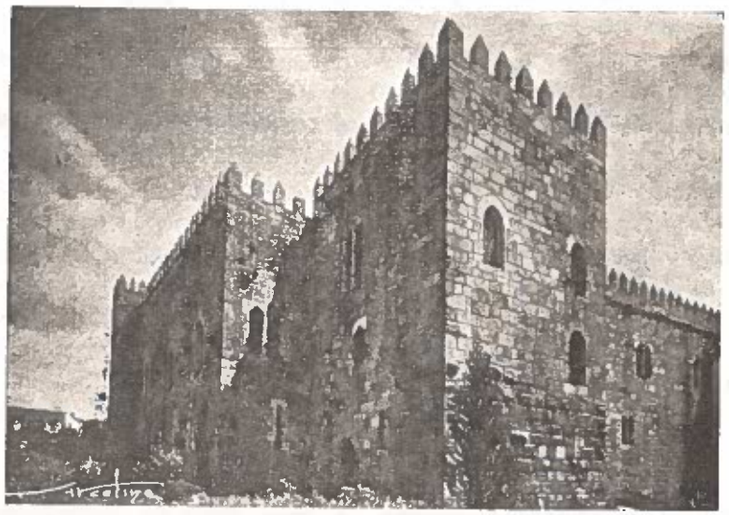
Na 1.ª Dinastia, quiseram reapossar-se, sem êxito, do Senhorio de Braga: D. Afonso II, D. Afonso IV e D. Pedro. Este esbulhou o Arcebispo Cardaillac da sua jurisdição temporal. Mas D. Fernando restituiu a D. Lourenço Vicente o império livre da cidade.

Ora D. João I igualmente decidiu tirar o feudo eclesiástico aos Arcebispos.

O prelado, D. Martinho Afonso, que não tinha a energia dum Gonçalo Pereira, aceita negociar. Firma-se em Lisboa um contrato entre D. João e o Arce-

D. Fernando da Guerra e os Paços Medievais

D. Fernando da Guerra, bisneto de D. Pedro I e D. Inês de



Paços Medievais de D. Gonçalo Pereira e D. Fernando da Guerra

bispo pelo qual o senhorio e a jurisdição temporal de Braga é transferida para a Coroa, a troco de rendas, tenças e outras concessões (1402). Entra-se assim num período que há-de durar 70 anos (até ao governo de D. Luís Pires, no reinado de D. Afonso V) em que os Arcebispos não são senhores de Braga e o castelo lhe não rende preito e homenagem.

Castro, pelo lado do Infante D. João, exerceu a prelazia de Braga de 1416 a 1467.

Promove importantes obras no Paço arquiepiscopal. A construção acastelada de D. Gonçalo Pereira e D. Fernando da Guerra, — enquadra-se hoje num conjunto notável de edificações, que forma a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital.

A Biblioteca da Sé

Criada porventura no século XI pelo Bispo D. Pedro, anexa à sua Escola-Catedral, recebe agora especial protecção de

Restituição do Senhorio de Braga aos Arcebispos

Por contrato celebrado em Évora entre D. Afonso V e o

Planta quinhentista da Cidade de Braga

D. Fernando da Guerra. Edifica-lhe casa e dota-a de muitos livros. A seu pedido, o Papa Nicolau V, pela bula Sane pro parte, *de 1448, pune com excomunhão reservada quem subtraia livros da Biblioteca catedralícia.*

Arcebispo D. Luís Pires, representado (1472), a jurisdição temporal da cidade e do seu termo é restituída à Mitra bracarense. Daí em diante os Arcebispos passam a intitular-se Senhores de Braga e Primazes das Hespanhas.

Guerra privada entre D. Luís Pires e D. Fernão de Lima

No tempo de D. Luís Pires desenrolou-se encarniçada guerra privada, com cerco à cidadela, ocupação da cidade, fortificação da Sé, lutas sangrentas, entre o Arcebispo e D. Fernão de Lima, fidalgo que se estabelecera em Braga, com escudeiros, criados e homens de armas. Restituída a cidade à mitra, o Arcebispo intimara D. Fernão de Lima a sair dela. Mas este não obedeceu e alçou-se contra o Senhor de Braga (1477). Gente sua ocupa a cidade e espanca clérigos e funcionários do Arcebispo.

Pôs termo à contenda o Duque de Bragança, fronteiro-mor da comarca de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes, vindo à frente de um copioso exército de peões e cavaleiros (1478).

D. João Galvão — Um irrequieto Arcebispo eleito

Em 1482 foi, por D. João II, apresentado Arcebispo de Braga D. João Galvão, bispo-guerreiro, que combatera em Arzila e Tanger ao lado de D. Afonso V.

Intitula-se ele, em documentos, Arcebispo eleito e confirmado. Constitui vigário geral, tem bispo auxiliar e age como Senhor de Braga.

No entanto era só Arcebispo eleito. As bulas de confirmação nunca chegaram; e Xisto IV informa-o, por meio de um breve, que arrancara os selos às mesmas bulas; chama-lhe «João ex-bispo de Coimbra» e quer que ele vá a Roma (1484).

O Arcebispo morre em 1485. Segundo rezam os nobiliários, apaixonara-se por D. Guiomar de Sá, irmã de Rui de Sá, de Coimbra, a qual, entretanto, casara. Parte de Braga, por esse motivo, com gente para a matar — e dizem que desta paixão morreu.

A imprensa em Braga

Havia pouco, introduzira-se em Portugal o invento de Gutenberg.

Em 1494 saiu do prelo bracarense de João Gherlinc o primeiro Breviário bracarense *impresso. Governava o Arcebispo D. Jorge da Costa, irmão do célebre Cardeal Alpedrinha.*

A Galilé da Catedral

Foi D. Jorge da Costa I (o irmão do Cardeal) quem mandou construir a graciosa Galilé com arcos festonados, da fachada da Sé de Braga. Na abóbada vê-se o brazão do fundador.

D. Jorge da Costa — Um Arcebispo de Braga governante de Roma associado a Lucrécia Bórgia

Nos começos do séc. XV é Arcebispo de Braga o célebre Cardeal Alpedrinha ou «de Lisboa» D. Jorge da Costa. Domiciliara-se em Roma, nos últimos tempos de D. Afonso V.

Na Santa Sé tornara-se «a maior figura eclesiástica do seu tempo depois do Sumo Pontífice», no dizer de Damião de Góis.

Seu irmão, também de nome D. Jorge da Costa, feito Arcebispo de Braga por sua influência, partiu para Roma nos princípios de 1501. Acometido de grave doença, em casa do irmão Cardeal, renuncia nele a mitra primacial, de acordo com o Papa Alexandre VI. Em 20 de Agosto já tinha morrido.

Com ou sem bulas de provimento (que nunca se encontraram), isto é, como Arcebispo de Braga, eleito ou já provido, o Cardeal de Lisboa D. Jorge da Costa, por essa altura em que o irmão renunciara nele, vemo-lo a administrar os negócios temporais da Santa Sé. Ausentara-se de Roma o famoso Bórgia e entregara o governo temporal da Igreja a sua filha Lucrécia, mas associou-lhe nesse governo o Cardeal de Lisboa e Arcebispo de Braga D. Jorge da Costa (cf. nosso art. «Cardeais da Santa Igreja Romana Arcebispos de Braga», Correio do Minho, 21-XII-1952).

D. Diogo de Sousa, o novo fundador da Cidade

Na época quinhentista, D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga (1505 a 1532), autêntico Príncipe da Renascença, transfigura a velha urbe. Enriquece a Sé com majestosa ábside. Engrandece o palácio prelatício. Abre ruas dentro e fora das antigas muralhas. Funda o Hospital de S. Marcos.

No vasto campo extra-muros que se dilatava a norte da cidade, plantara uma vinha a copiar porventura o que vira nas vilas cardinalícias e aristocráticas de Roma (actual Campo da Vinha ou Campo Conde de Agrolongo). Enche Braga de fontes e esculturas. Rasga a grande alameda chamada Campo de Sant'Ana, hoje Avenida Central. Foi, bem se diz, o segundo fundador da Cidade.

O Colégio de S. Paulo

Para substituir a Escola Catedral, que decerto já não correspondia às exigências epocais, D. Diogo de Sousa criou, junto à Igreja de S. Tiago da Cividade, em casa hoje desaparecida, o famoso Colégio de S. Paulo, onde haviam de ensinar Clenardo e Vaseu, quando o Cardeal D. Henrique, futuro rei, foi também Arcebispo de Braga. Sob a direcção dos Jesuítas, na época de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, ali estudaria também, como jovem aluno, Francisco Sanches, adail da filosofia moderna, precursor de Descartes. (Cf. nosso estudo «A cultura humanística na hist. de Braga», Correio do Minho, *26-4-59).*

Nota — O presente escorço da história de Braga, síntese de aportações a ela atinentes (apanhado objectivo e concatenador de elementos relevantes, por vezes inapercebidos, enquanto isolados), teve em conta não apenas os modestos estudos pessoais, monográficos, do A. — cuja lista o estudioso interessado pode consultar em qualquer das suas últimas publicações —, mas também, e nomeadamente, os valiosos trabalhos de FRANCISCO JOSÉ VELOZO, MÁRIO MARTINS, PIERRE DAVID e A. JESUS DA COSTA (principalmente para as épocas bárbara e da Reconquista). Foram ainda cotejados e deram achegas as *Memórias para história eclesiástica do Arcebispado de Braga* de JERÓNIMO CONTADOR DE ARGOTE, as *Memórias de Braga* de B. SENA FREITAS, os *Fastos episcopais da Igreja Primacial de Braga* de J. AUGUSTO FERREIRA, as *Actas do Congresso de São Martinho de Braga*, publicadas na revista «Bracara Augusta» (vols. II, V, VI e VIII), e os opúsculos e artigos dispersos de MANUEL MONTEIRO, ALBERTO FEIO, ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA, CONSTANTINO RIBEIRO COELHO, etc. No que toca à arqueologia dos períodos ante-romanos e romano, considerou-se também o *Roteiro do Museu D. Diogo de Sousa*, de RUSSEL CORTEZ.

OFIC. GRÁF. DA LIVRARIA CRUZ — BRAGA